



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – CCSA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – DECOM
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM
JORNALISMO**

TRANSLUZ: arte, corpo e imagem das travestis/transexuais

WAGNER PIRES PINA

CAMPINA GRANDE PB 2014



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – CCSA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – DECOM
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM
JORNALISMO**

TRANSLUZ: arte, corpo e imagem das travestis/transexuais

Monografia apresentada ao Curso de em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I, como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Professor Orientador: Hipólito Lucena

CAMPINA GRANDE PB 2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

P645t Pina, Wagner Pires.
Transluz [manuscrito] : Arte, corpo e imagem das
travestis/transsexuais / Wagner Pires Pina. - 2014.
50 p. : il.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Comunicação Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro
de Ciências Sociais Aplicadas, 2014.
"Orientação: Prof. Esp. Hipólito Lucena, Departamento de
Comunicação Social".

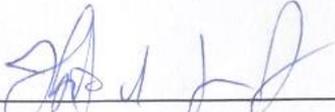
1. Fotografia. 2. Travestis. 3. Transexuais. 4. Gestão
cultural. I. Título.

21. ed. CDD 770

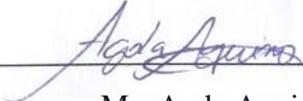
WAGNER PIRES PINA

TRANSLUZ: arte, corpo e imagem das travestis/transexuais

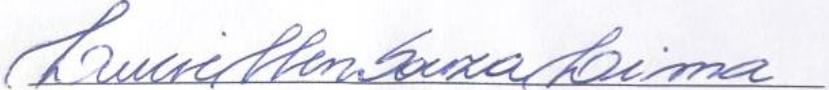
Este trabalho de conclusão de curso de autoria de Wagner Pires Pina, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, foi julgada adequada e aprovada pela Banca Examinadora designada pela Comissão de Coordenação de Monografia do Curso de Graduação em Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba – Campus I, abaixo assinada:



Prof. Hipólito Lucena -Orientador



Ms. Agda Aquino



Es. Luciellen Souza Lima

Campina Grande, 28 / 11 /2014

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todxs travestis e transexuais que encontrei durante a vida, mas principalmente xs que me ensinaram o verdadeiro valor de uma mulher ou homem T. Foi por meio de vocês que idealizei esse projeto chamado TransLuz e que tento envolvê-lo em uma discussão acadêmica neste trabalho. Que cada transfobia vivenciada sirva de fortaleza para essa jornada, mas que, acima de tudo, no mais agora possível, que isso seja algo apenas do passado. A toda comunidade LGBT que sabe e vive na pele o que é ser excluídx, mas que mesmo assim não deixa de ser feliz e de apresentar ao mundo a sua cultura.

AGRADECIMENTO

Agradeço aos meus companheiros de pós-graduação que, assim como eu, sentiram a experiência de ser uma turma pioneira, também a Vinícius Bezerra pela ousadia de tentar colocar esse curso em pauta. Além claro, de todos os professores que, de alguma forma, contribuíram para esse momento, em especial, ao meu orientador, Glauco Fernandes Machado e Também a Hipólito Lucena. Preciso citar Dyógenes Chaves e Paulo Rossi por contribuírem para esse trabalho, analisando as fotos do projeto, aos amigos que de alguma forma contribuíram com sua opinião e apoio e, ao meu amor, Mike Souto.

“Temos apenas um recurso em relação à morte: fazer arte antes dela.”

René Char

RESUMO

Objetiva-se com esse trabalho relatar a experiência vivenciada na condução do Projeto Fotográfico TransLuz. É um relato de experiência com uma abordagem qualitativa da exposição composta por 14 travestis/ transexuais dos estados da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Pará, Ceara, Rio de Janeiro, São Paulo e Maranhão no Brasil, possibilitando suscitar reflexões sobre o gênero das travestis/transexuais. A vivência permitiu discussões sobre a estética fotográfica do gênero, trouxe as falas das participantes falando sobre sua experiência e também enfocou a função do gestor cultural como importante ator na inserção de grupos socialmente minoritários, através do trabalho artístico e cultural, além da crítica de alguns curadores e gestores sobre o projeto. Observa-se o déficit de produtos/serviços/espacos culturais direcionados ao gênero, fato este que pode contribuir para a marginalização desta população.

Descritores: Fotografia; Travestis; Transexuais; Gestão Cultural.

ABSTRACT

Objective with this work report the lived experience in management of Photographic Project TransLuz. Is an experience report with a qualitative approach of the exhibition consists of 14 transvestites/transsexuals from this states: Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Pará, Ceara, Rio de Janeiro, São Paulo and Maranhão in Brazil, allowing elicit reflections on gender transvestite / transgender. The experience allowed discussions of photographic aesthetics of the genre, brought the testimonies of the participants talking about their experience, also focused on the role of the cultural manager as an important person in the social inclusion of minority through artistic and cultural work groups, beyond criticism from some trustees and managers about the projet. Note the avoidance of products/services/targeted gender cultural spaces, a fact that can contributes to the marginalization of this population.

Keywords: Photography; Transvestites; Transsexuals; Cultural Management.

SUMÁRIO

Introdução	09
1. Universo LGBT	13
1.1 TransLuz	15
1.2 Transmulher e Cultura LGBT	17
1.3 Transexualidade e heterossexualidade	20
2. Fotografia como expressão artística	22
2.1 Fotografia e Comunicação	22
2.2 Fotografia e Estética	24
3. Gestor, Curador, Elas	29
3.1 Experiência delas	29
3.2 Um olhar além do clique	33
3.3 Gestor de Cultura um ator importante na sociedade	36
Considerações finais	39
Referências	40
Anexos	42

Introdução

TransLuz – Outras expressões femininas, é um projeto fotográfico que tem como objetivos gerar visibilidade e documentar um momento específico de transformações na nossa sociedade referente à comunidade LGBT¹ e ainda mais específico ao universo T, neste estudo específico o T será usado fazendo referência a travestis/transsexuais. Elas lutam constantemente por um reconhecimento e respeito a sua orientação sexual e de gênero.

O reconhecimento da transexualidade como questão de gênero nos leva a reconhecer que há muitas possibilidades de se fazer gênero, para além de uma relação retilínea do tipo mulher-feminino, homem-masculino, e também a discutirmos os direitos sociais e políticos dos sujeitos que vivem o gênero fora do binarismo, como são as travestis, as transsexuais, os transgêneros (BENTO, 2006, p. 16).

É bem notável na nossa sociedade que as instituições, principalmente as religiosas, estão querendo normatizar, policiar e vigiar os comportamentos de acordo com suas necessidades, indicando possíveis deslizos e mudanças de comportamentos e esse fato não é exclusivo do nosso tempo, porém o que essas instituições ainda não conseguiram objetivar é que comportamentos diversos existem e existirão. Eles simplesmente se apresentam.

Por meio desta necessidade de trazer o debate do universo T à sociedade, que concebeu-se o projeto TransLuz, através de, principalmente, fotos convida-se todos e todas para o reconhecimento dessas mulheres, a uma aproximação delas de uma forma íntima já que as T estão completamente desnudadas para os espectadores e se assim elas o fazem porque não fazer o mesmo? Este relato inicialmente fotográfico de 14 travestis/transsexuais dos estados da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Pará, Ceara, Rio de Janeiro, São Paulo e Maranhão, no Brasil, escolhidos de forma aleatórios, torna-se aqui um relato qualitativo de experiência na realização deste projeto que se justifica pela escassez de materiais acadêmicos com a temática, proporcionando possibilidades de subsídios para novas pesquisas no tema onde atualmente só se

¹ Sigla que serve como referência e denominação de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, travestis, transsexuais, transformistas entre outros atores no universo da orientação sexual e de gênero.

encontra abordado em áreas de saúde ou antropologia. Cria-se a possibilidade de suscitar reflexões sobre o gênero travestis/transsexuais.

O projeto de exposição falando sobre as mulheres travestis e transexuais é uma forma de levar essas imagens ao público e por meio delas tentar criar reflexões sobre o tema, além da tentativa de levar o olhar para o outro. São Maria Claras, Beatrizas, Barbaras, Aghatas, Kamillas, Carolinas, Dávilas, Robertas, Rebeckas, Yasmins, Patrícias, Marcelas, Kellys entre outras que terão oportunidade e nos darão oportunidade de mostrarem quem são, de se desnudarem em prol da cultura T e da possibilidade de voz, do poder da imagem de falar o que, às vezes, elas não conseguem dizer ou de expor em espaços que elas não conseguiriam ainda estarem presentes em grande causa pelo abismo social que enfrentam.

Vamos usar algumas vezes durante no texto o termo “cis” como referência a mulher que nasceu com o corpo pronto e completo feminino e se entende também no mesmo gênero. Cis é uma denominação que as pessoas costumam usar de forma errada como “mulher real” ou “mulher biológica”, porém as T sentem-se ofendidas com essa denominação por levar a conclusão que elas não são mulheres reais ou biológicas.

Uma pessoa cis é uma pessoa na qual o sexo designado ao nascer + sentimento interno/ subjetivo de sexo + gênero designado ao nascer + sentimento interno/ subjetivo de gênero, estão “alinhados” ou “deste mesmo lado” – o prefixo cis em latim significa “deste lado” (e não do outro), uma pessoa cis pode ser tanto cissexual e cisgênera, mas nem sempre, porém em geral ambos. Uma pessoa cis é aquela que politicamente mantém um status de privilégio em detrimento das pessoas trans, dentro da cishnorma. Ou seja, ela é politicamente vista como “alinhada” dentro de seu corpo e de seu gênero. É o tipo de pessoa que geralmente é chamada de “normal” pela sociedade (KAAS, 2012, p.1).

Bento é uma autora que serviu como base de referência para este trabalho e que é reconhecida não só na academia, mas pelas próprias pessoas T, com várias publicações sobre o tema, que fala:

A verdade dos gêneros, no entanto, não está nos corpos; estes, inclusive, devem ser observados como efeitos de regime que não só regula, mas que cria diferenças entre os gêneros. [...] a mulher de verdade passa a ser considerada também uma cópia, uma vez que tem que assumir o gênero da mesma forma: por intermédio da reiteração dos atos (BENTO, 2006, p.104).

Ou seja, muitas pessoas podem achar que a mulher de verdade é a mulher cis, mas também essa mulher tem que assumir o gênero feminino. Para efeito de registro o autor deste projeto acredita que todas as mulheres que assim se definem devem ser consideradas como tal.

Neste trabalho de conclusão de curso vamos discutir sobre a estética fotográfica e falar sobre gênero, para isso além de abordar a comunicação da fotografia e sua estética usaremos a opinião de dois especialistas em artes o curador/crítico, Paulo Rossi fotógrafo, professor e curador; E Dyógenes Chaves artista e membro da Associação Brasileira de Críticos de Artes. Esse papel traz outras visões além da visão pessoal do autor das fotos e que contribui para uma reflexão sobre TransLuz, além de tentar compreender as funções de um gestor de cultura como um importante elemento para inclusão ou exclusão da variedade de cultura apresentada ao público e em especial as culturas de grupos minoritários. Afinal observa-se a escassez de produtos/serviços/espacos culturais direcionados ao gênero, por exemplo, entre outras manifestações culturais de grupos minoritários da sociedade, fato este que pode contribuir para a marginalização desta população, mas que por outro lado, serve como normatização destas minorias.

Wagner Pina é fotógrafo nascido no Recife, desembarcou na cidade de Campina Grande ainda criança onde é graduado em Licenciatura em Letras e *latu senso* em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba. É na Paraíba que descobre o prazer da fotografia e atua como fotógrafo *freelance*² para agências de publicidade e propaganda. Também trabalha com *still*³ em cinema e em 2012 lançou o primeiro curta metragem como diretor e roteirista: “30 Segundos”, que fala da história de amores e desamores de três amigos. Esse filme o levou a algumas mostras de cinema LGBT como o Mix Brasil, em São Paulo, que é uma das mostras mais importante da categoria, além do CLOSE em Porto Alegre, e da Mostra Interiores em São José do Rio Preto, e o festival de cinema Comunicurtas na Paraíba.

² É um termo da língua inglesa para denominar o profissional autônomo que se autoemprega em diferentes empresas ou, ainda, guia seus trabalhos por projetos, captando e atendendo seus clientes de forma independente.

³ É um profissional que acompanha as filmagens, fazendo o “*making of*” do trabalho e produzindo fotos que serão usadas para a divulgação na imprensa, cartazes e folders.

Com trabalhos publicados em Jornais. Como Folha de São Paulo, Jornal Nacional e revistas de fotografia e arte, como *Woof Magazine*, Sanatório Geral e Blecaute, hoje conta com duas exposições individuais divulgadas, “Mulheres de Fibra” (2010), “Fetichismo por Wagner Pina” (2011) e “EU S2 CG” (2014) e trabalha em, “TransLuz – Outras expressões femininas” (Previsão 2015) e também participou de seis exposições coletivas. Além de fotógrafo, Pina é diretor e produtor de três programas locais exibidos na Televisão Borborema, todos são semanais e abordam temas diversos como saúde, mercado imobiliário e gastronomia, simultaneamente “Campina Imóveis”, “Saúde em Dias” e “Degustando Conversas”.

Sobre fotografia a paixão começou cedo, criança, fascinado pelo glamour de uma bela imagem, os primeiros cliques vieram em câmera analógica até porque não existia equipamento digital acessível ao público na época. Já na adolescência, teve contato com as primeiras câmeras digitais e na fase adulta surgem as primeiras oportunidades de adentrar ao universo profissional da fotografia. Acontecem então os primeiros ensaios fotográficos, os primeiros trabalhos e a necessidade de se expressar artisticamente e fazer algo mais além de divulgar marcas, empresas e produtos.

A partir da exposição “Fetichismo por Wagner Pina”, acredita-se ter encontrado essa linha de estilo autoral, um caminho que é o que o agrada percorrer e nele o tema da sexualidade está impregnado. A partir do momento que percebemos o poder da imagem é que se absolve a necessidade de usar esse poder, surge talvez aí um fotógrafo ou de forma mais ampla um artista visual. O filósofo Debray (1993) escreve que, “certa vez, um imperador chinês pediu ao pintor de sua corte para apagar a cascata que havia pintado na parede do palácio, porque o ruído da água não o deixava dormir”. Exemplifica assim o fascínio de uma imagem. Este pode ser um exemplo de como a sedução e quão longe uma imagem pode chegar à alma e nas transformações culturais afinal estamos sujeitos a diversas imagens na nossa memória cultural, algumas fascinantes, outras chocantes, muitas das quais nos trouxeram amor e outras tantas que trazem horror entre outros sentimentos e a proposta final pode ser essa: extrair sentimentos.

TransLuz acontece neste momento com a vontade de gritar nas/pelas imagens de forma singela: eu sou mulher. Vem também na busca pelo outro lado (heterossexual) do mesmo lado (LGBT), pela defesa da heterossexualidade destas mulheres (em sua grande maioria, afinal entre as travestis/transsexuais também existe homossexualidade) que são

ditas muitas vezes pela sociedade como homossexuais. Deve-se então mostrar para a sociedade que no geral elas do universo T são iguais, tem identidade de gênero e orientação sexual definida de acordo com cada uma assim como as mulheres “cis”.

O trabalho está dividido em três capítulos no primeiro vamos abordar questões sobre sexualidade, sobre o universo LGBT e em especial o T. Mostrar a importância de “TransLuz – outras expressões femininas” e trazer a tona o debate da heterossexualidade que costuma ser dissociada da comunidade LGBT. No capítulo seguinte o foco será a fotografia e suas expressões e em como ela pode ser um meio de inclusão social. Falaremos sobre como fotos podem ser utilizada para comunicação e sobre a estética fotográfica. No último capítulo será abordado as questões pertinentes ao Gestor de Cultura, além de trazer os depoimentos de algumas participantes do projeto e críticas de curadores e gestores sobre o trabalho fotográfico estudado neste trabalho.

1. Universo LGBT

Em um estudo texto recente Bento afirma (BENTO, 2014, p.45): “A bicha, o sapatão, a trava, o traveco, a coisa esquisita, a mulher-macho, devem ser eliminados. Isso faz com que haja um horror, um medo profundo de ser reconhecido como aquilo”. Por que as pessoas ainda usam palavras com sentidos/entonações pejorativas para se dirigir aos LGBT? Se generalizarmos, podemos chegar a uma conclusão que a mulher cis modifica o corpo tanto quanto a mulher T, e ambas usam recursos culturais femininos para ser mulher. Precisa sair da ideia de mulher-feminina, homem-masculino, afinal em sua grande maioria, segundo Benjamin (2001, p. 30, *apud* BENTO, 2006, p. 151) aquilo que elas, as transexuais, sabem bem quando em algumas situações se definem uma mulher muitas vezes aprisionada em um corpo de homem (algumas lidam bem com o corpo que tem e não sentem necessidade de transgenitalização⁴) e se sente atraído por outros homens. Isso faz dela (autor usa dele) uma (um) homossexual se seu

⁴ Cirurgia que geralmente resulta em uma adequação do corpo ao gênero determinado pelo indivíduo. Também chamado de mudança de sexo, mas este termo não é aceito por todas as/os transexuais por não se verem mudando de sexo e sim colocando corpo em harmonia com a mente.

sexo for diagnosticado de acordo com seu corpo. No entanto, ela (ele) se autodiagnostica segundo seu sexo psicológico feminino. Ela (ele) sente atração sexual por um homem como uma (um) heterossexual cis.

O projeto fotográfico TransLuz surge da necessidade do artista e gestor cultural de propor entre outros fatores um registro sobre as mulheres T, afinal a imagem fotográfica é uma aliada a essa intervenção na sociedade.

A capacidade da fotografia em inspirar confiança no valor documental das imagens não se apoiava somente no dispositivo técnico (a máquina e a impressão), mas em sua coerência com o percurso geral da sociedade daquela época: a “racionalidade instrumental”, a mecanização, o “espírito do capitalismo” e a urbanização (ROUILLÉ, 2009).

É através dessa racionalidade instrumental que TransLuz quer atingir a sociedade, em outros teóricos conseguimos esse apoio para a imagem: “A imagem nos seduz por sua própria presença; já a palavra pressupõe uma linearidade na sua leitura. A palavra evoca algo ausente: a imagem é (já) presença, aqui e agora” (ROSSI, 2003 p.

09). A imagem como sendo um fator comunicativo em expansão através de mídias e redes sociais, de aplicativos para *smartphones* entre tantos outros dispositivos técnicos, surge a necessidade de expressar sentimentos, desejos e mudanças culturais através das fotografias.

Um dos grandes desafios do fotógrafo e, neste caso específico, deste projeto, é o de não cair na banalidade do que já vem sendo exposto sobre o universo T, como diz FLUSSER (1985) “que se antes da proliferação das imagens técnicas estas eram uma janela do homem para o mundo, hoje sua função remete a de um biombo através do qual não se vê mais diretamente o mundo, apenas outras imagens sobre ele”. Neste sentido existe o cuidado com este projeto para que ele possa ser relevante e não apenas mais um ou um mais do mesmo. Então porque falar deste tema?

A fotografia cumpre a função social de representar a sociedade e ser por ela representada. Ela tem a capacidade de estimular a memória daqueles que estiveram em determinado local e lá viveram momentos da infância ou de outra fase da vida permitindo a inserção de olhares subjetivos sobre um mesmo espaço (BORDIEU, 2003).

Essa memória cultural é talvez um legado deste projeto. Afinal no âmbito da cultura existe espaço para esse debate e para essas possibilidades de comunicação e se, além disso, cria-se um diálogo sobre o tema já se tem um ganho a cerca do objetivo final do projeto.

1.1 – TransLuz – outras expressões femininas

A Exposição Fotográfica: “Transluz – Outras expressões femininas” visa dar notoriedade e fala a mulheres em suas mais diversas transparências. Com fotos inspiradas no trabalho do fotógrafo americano Irving Penn⁵ para uma revista de moda, retrata a pureza e o *glamour* dentro de cada uma dessas mulheres.

A escolha deste fotógrafo específico como inspiração se dá ao fato dele ter sido um dos maiores retratistas americano a partir dos anos 1940, o qual fotografou grandes damas da sociedade por mais de 60 anos. Esse apanhado fez surgir à inspiração para fotografar a as mulheres T, essas novas expressões femininas do nosso tempo que ainda não encontraram o espaço que merecem.

As fotos em branco e preto que retratam as mulheres T nuas, quase sem nenhum acessório (exceções aceitas como: brincos, cintos, pulseiras, relógios, etc) foram definidas assim com a intenção de despir os preconceitos, de um renascimento. É também uma forma de chamar a atenção. Afinal na nossa cultura o nudismo ainda é tabu. Incentivar a naturalização deste tipo de nudismo e das travestis e transexuais é o processo visado neste projeto.

Em silêncio, as cicatrizes que marcam os corpos transexuais falam, gritam, desordenam a ordem naturalizada dos gêneros e dramatizam perguntas que fundamentam algumas teorias feministas: existem homens e mulheres de verdade? (BENTO. 2006, p.20).

No último mês de maio de 2014, Pina participou do I Encontro Nacional de Arte e Cultura LGBT, promovido pelo Governo Federal o qual ocorreu na cidade de Niterói no Estado do Rio de Janeiro. Durante o evento aconteceram vários debates e seminários sobre arte e cultura LGBT e ficou claro, com a participação do grupo T, que elas ainda não são ouvidas nem mesmo dentro do grupo a que fazem parte. Segundo FLUSSER (2002, p. 09), “imagens técnicas – aqui fotográficas – são mediações entre o homem e o mundo”. O homem, de acordo com o filósofo, existe, isto é, o mundo não lhe é acessível imediatamente. A fotografia tem, portanto, o papel de representar o mundo.

Por meio deste trabalho pretende-se expor em ambientes presenciais e em plataformas virtuais através de diversos meios e suportes que possam contemplar o

⁵ Fotógrafo norte-americano - <http://www.artic.edu/aic/collections/exhibitions/IrvingPennArchives/>

máximo de pessoas possíveis. Assim, acredita-se contribuir para a valorização e inclusão de um grupo historicamente discriminado através de trabalhos artísticos e ou científicos. Esta, sem dúvida, pode ser considerada uma das funções do gestor cultural, ele precisa estar apto para as transformações culturais, rever conceitos e auxiliar nas transformações sociais. A partir de novas informações sobre gêneros como nesse projeto e a partir dos grupos sociais que podem ser submetidos surgem novos paradigmas, acontecem transformações de costumes e hábitos de povos.

Deve-se ressaltar que toda fotografia é produzida com uma determinada finalidade. Esses registros representarão, sempre, um meio de comunicação, de informação, um meio de conhecimento e conterão, sempre, um valor documental (KOSSOY, 2001, p. 48).

Pois, então, usando esse meio – a fotografia - e com as construções de políticas públicas voltadas para a consolidação da diversidade cultural brasileira ganhando força com o reconhecimento, por parte do Governo Federal, das expressões culturais também provindas de movimentos sociais, como é exemplo o movimento LGBT. Com este movimento na Cultura LGBT, amplia as possibilidades de inclusão e reconhecimento de uma cultura considerada, por determinadas camadas da sociedade, como marginal e que está em sua maioria na periferia. Ao decidir por essa temática estes foram um dos principais pontos que motivaram a realização deste projeto. Expor não só fotos produzidas, mas levar à tona o debate sobre quem são essas mulheres, por que não as enxergamos e quais são as principais reivindicações sociais que elas almejam para ser parte de um todo e sair da periferia social.

Como diz Bento (2006, p. 26) “a posição presente nos documentos oficiais de que as/os transexuais são “transtornados” é uma ficção e desconstruí-la significa dar voz aos sujeitos que vivem a experiência e que, em última instância, foram os grandes silenciados”. Preciado (2002, *apud* BENTO, 2006, p. 89) complementa dizendo que “todos somos pós-operados. Não existe corpo livre de investimentos discursivos, *in natura*. O corpo já nasce maculado pela cultura”.

Entre os objetivos gerais do projeto TransLuz está o debate da situação da mulher T na sociedade através da estética da fotografia. No qual almejamos a possibilidade de levá-las a falar sobre suas vidas e suas histórias de conquistas e ao final do projeto lançar o primeiro livro específico só com fotos de travestis e transexuais

como resultado dos trabalhos expostos no decorrer do período deste projeto e a possibilidade de algumas fotos extras.

À cerca dos objetivos específicos seriam realizar palestras e workshops; proporcionar visibilidade as travestis e transexuais, incentivar e proporcionar o contato da sociedade com as travestis e transexuais, divulgar uma classe que atualmente se esconde em guetos, expor em museus e em revistas de arte e sites.

Depois de pré-planejamento no ano de 2013 e com início das atividades já realizadas em outubro do mesmo ano, o projeto já realizou mais de 14 ensaios com diferentes travestis e transexuais e inclusive com uma pessoa transgênero⁶. Também já foi realizada duas pré-exposições em dezembro de 2013 no Festival Mundo na cidade de João Pessoa na Paraíba e outra em Julho de 2014 no XV Festival de Artes, na cidade de Areia, Paraíba. Onde se percebe uma receptividade nos momentos em que alguém do projeto observava as pessoas contemplando as fotos.

O projeto continua em fase de produção de fotos o que tem previsão de cinco anos a partir do início dos trabalhos em 2013 e paralelo serão realizadas pré-exposições enquanto é realizado o projeto para captação de recursos para a exposição com previsão de se realizar no ano de 2015. O produto cultural resultante deste projeto será uma exposição com 50 fotos em formato 50x70cm em branco-e-preto emolduradas totalizando 80x60cm. Também existirá o produto livro com 100 páginas e tiragem de 3.000 (três mil) exemplares para serem distribuídos com Organizações que trabalhem com comunidades LGBT, em especial com foco para travestis e transexuais.

1.2 - Transmulher e cultura LGBT

Historicamente a comunidade LGBT – Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros têm sido marginalizadas. Somente por volta de 1960 surgem os primeiros movimentos com destaque internacional. “A partir de *Stonewall*⁷, os atualmente denominados pela sigla, LGBT começaram a mostrar seus rostos” (MARCUS, 2002).

6 Neste caso a pessoa não se identificava com nenhum dos dois gêneros (masculino e feminino);

7 A Rebelião de Stonewall foi um conjunto de episódios de conflito violento entre gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros e a polícia de Nova Iorque que se iniciaram com uma carga policial em 28 de Junho de 1969 e duraram vários dias. Teve lugar no bar Stonewall Inn e nas ruas vizinhas, e é largamente reconhecida como o conjunto de eventos catalisadores dos modernos movimentos em defesa dos direitos civis LGBT. Stonewall foi um marco por ter sido a primeira vez em que um grande número de pessoas LGBT se juntou para resistir aos maus tratos da polícia contra a comunidade.

Assim, começa a luta por reconhecimento, por igualdade de direitos e por liberdade sexual, o que resulta em certos avanços e em conquistas de espaço, delineando-se assim um novo panorama. No Brasil, embora grupos militantes LGBT tenham ganhado certa visibilidade nos últimos anos, ainda prevalece o “silenciamento” dessa comunidade e dos indivíduos que a compõem em especial o T da sigla, que vive em sua maioria à margem da sociedade e sofre Transfobia⁸.

Existem poucos movimentos políticos voltados para a conquista de direitos e inclusão social dessa comunidade. As paradas da diversidade, apesar de sua repercussão midiática, são levadas mais como festa do que como militância e luta por direitos para a comunidade LGBT. A Parada Gay (hoje parada da diversidade afinal o termo gay excluí, por exemplo, as T que como já falamos em sua maioria não se identifica como tal) de São Paulo, uma das maiores do mundo, já registrou a participação histórica de mais de três milhões de pessoas⁹. Apesar disso, é importante pensar sobre quais mudanças reais esse evento trouxe para o grupo LGBT e em especial ao T.

A forma como os homossexuais, bissexuais e transexuais são retratados é um fator importante na sociedade, tendo em vista que quando bem aceitos e acolhidos, eles se estabelecem e tem mais chances de se tornarem cidadãos completos, participativos e contribuir para sua comunidade. Uma comprovação disso pode ser feita em relação às camadas da população antes excluídas socialmente como as mulheres, os negros e os índios que hoje conseguem espaço e acumulam conquistas sociais e jurídicas, contribuindo para uma sociedade mais contemplativa, acolhedora e socialmente justa.

Como forma de contribuir de algum modo para o movimento LGBT a tentativa de estudo em estética do gênero na fotografia serve como instrumento na realização deste trabalho fotográfico e devem estar inseridos em trabalhos científicos, exposições ou diversos tipos de publicação com o intuito principal de levar ao debate. Pode ser caracterizado como objeto de estudo, pesquisa ou como mera ilustração. Esse tipo de trabalho contribui para que haja um resgate de informações relacionadas aos diferentes tipos e situações da cultura LGBT. Além disso, compila dados de conhecimento, que podem servir como fonte de comparação anacrônica, posto que a cultura e os costumes da sociedade estão sujeitos a transformações. Com base nessas questões, almejamos

⁸ Repulsa ou preconceito contra a/o transexualidade/transexualismo ou os transexuais.

⁹ Jornal Folha de São Paulo 17 de junho de 2009.

proporcionar às travestis e transexuais uma migração da margem da sociedade proporcionando um direito devido a essas cidadãs.

A construção de políticas públicas voltadas à consolidação da diversidade cultural brasileira ganhou força recentemente com o reconhecimento, por parte do Governo Federal, das expressões culturais também provindas de movimentos sociais, como é exemplo o movimento LGBT. A inserção do Ministério da Cultura no programa Brasil Sem Homofobia¹⁰ é um marco que vislumbra a preocupação do Governo Federal em implementar ações que propiciem a criação de políticas e manifestações de combate à discriminação contra homossexuais. Políticas e manifestações estas que são criadas em conjunto pela sociedade e o governo, por meio de debates, grupos de trabalhos, e que são acessíveis através de editais.

A Cultura dos Povos e Comunidades Tradicionais, a Cultura Alimentar, o Hip-Hop, a Capoeira e a Cultura LGBT passam a integrar os Colegiados Setoriais do Conselho Nacional de Política Cultural (CNPC)¹¹. A inclusão do tema da Cultura LGBT no colegiado era uma antiga reivindicação de lideranças no setor e foi divulgado ao público durante o Fórum Mundial de Direitos Humanos, realizado no fim de 2013 em Brasília, pela conselheira nacional do CNPC, Edna Marajoara. “O conselho acatou a um pedido feito pela própria ministra Marta Suplicy, durante a III CNC, e criou cinco novos colegiados, entre eles o da Cultura LGBT”, comemorou Marajoara.

Estabelece-se assim um novo momento na Cultura LGBT onde surgem novas possibilidades de inclusão e reconhecimento de uma cultura de minorias ainda bastante desprivilegiadas pela sociedade. Esse endosso do Governo Federal é um avanço para outras esferas da sociedade repensar e começar a agir em prol de culturas comumente esquecidas e execradas a nichos de públicos entre elas a cultura LGBT que por

¹⁰ Programa de combate à violência e à discriminação contra LGBT e de promoção da cidadania homossexual.

¹¹ A decisão foi tomada em reunião do conselho de cultura, realizada entre os dias 9 e 10 de dezembro de 2013, em Brasília. Os conselheiros acataram as monções apresentadas ao plenário do CNPC e na III Conferência Nacional de Cultura, reivindicando a inclusão dos novos segmentos ao conjunto dos temas analisados para a elaboração de novas políticas públicas na área da Cultura. O CNPC faz parte da estrutura funcional do Ministério da Cultura e reúne representantes da sociedade civil e das três esferas do poder público para assessorar e sugerir ações na área cultural. Com esta decisão do conselho, as ações culturais voltadas para as cinco novas categorias também passam a ser contempladas com os recursos do Fundo Nacional da Cultura (FNC), a partir de 2014. Ainda durante a reunião dos dias 9 e 10 de dezembro de 2013, o Colegiado Nacional do CNPC aprovou recomendação para que fossem encaminhados convites a representantes destes segmentos para participar da primeira reunião do Plenário do CNPC em 2014.

pertencermos a uma sociedade heteronormativa acaba colocando o que foge da regra por ela estabelecida como aceitável a exclusão.

Se fosse tomada a decisão de falar sobre cultura e direitos humanos, seria possível estabelecer como conclusão o quão pouco existe sobre esse tema, não só enquanto direito, mas também se falarmos sobre o direito a seu acesso e uso quanto ao reconhecimento de sua legitimidade enquanto parte constituinte da formação de sujeitos, grupos e sociedades. Percebemos que a própria hierarquização do cerne dos direitos humanos, onde alguns direitos importam mais ou são mais urgentes do que outros, é um reflexo sintomático de uma sociedade que se organiza a partir de relações de poder e que, por conseguinte, reproduz ordens sociais a partir de marcos como classe, raça/etnia, gênero e sexualidade, que são legitimadores de exclusões.

1.3 - Transexualidade e heterossexualidade

A heterossexualidade é para muitos, principalmente por princípios religiosos e acima de tudo culturais, dito como comportamento “normal”, e usaremos aspas na palavra normal por acreditar que é um conceito em decadência. Katz ¹²(1996) tem como base dos seus estudos o questionamento da origem da heterossexualidade, sua proposta é que toda essa ideologia sobre o tema só existe porque nunca foi debatido ou questionado (ou pelo menos não de forma frequente e profunda) a origem dessa classificação taxionômica hetero/homossexual. E explica melhor sobre a normatização deste termo em detrimento dos outros:

A heterossexualidade significa um arranjo histórico particular dos sexos e seus prazeres [...] geralmente supomos que a heterossexualidade é tão antiga quanto à procriação e a luxúria de Adão e Eva, eterna como o sexo e a diferença entre os sexos e daqueles primeiros seres humanos. Imaginamos que é essencial e imutável e não tem história (KATZ, 1996).

Porém, temos diversos exemplos na história de civilizações, povos e comunidades que não sofreram influência cultural, religiosa ou de outra forma e que viveram sexualmente livres em relação a outros que tiveram influências culturais,

¹² Historiador americano da sexualidade humana que se concentrou sobre a atração pelo mesmo sexo e mudanças na organização social da sexualidade ao longo do tempo. Seus trabalhos se concentram na ideia, enraizada no construcionismo social, que as categorias com as quais descreve e define a sexualidade humana são historicamente e culturalmente específicas, juntamente com a organização social da atividade sexual, desejo, relacionamentos e identidades sexuais.

filosóficas, religiosas, em relação à sua sexualidade. Como exemplos de uma sociedade não heterossexual a Grécia antiga, analisada por Foucault (1985, *apud* BENTO, 2006, p. 17) e quando ele também fala sobre a influência dos setores políticos e religiosos para impor a heterossexualidade em colônias como a Nova Inglaterra nos anos de 1607/1740. Como a comunidade não estava procriando-se como deveria de acordo com os líderes da época, toda e qualquer situação que atrapalhasse essa ordem reprodutiva era alvo de retaliações que muitas vezes culminava até em morte através da força; a sodomia, a bestialidade e a masturbação eram motivos para tais punições, atitudes como essas podem ser um dos fatores que remetem nossa sociedade atual a marginalizar determinados comportamentos sociais.

No isomorfismo existia um único corpo. O corpo da mulher era igual ao do homem, sendo a vagina um pênis invertido. A ideia central aqui é de continuidade, e não de oposição. O útero era o escroto feminino; os ovários, os testículos; a vulva, um prepúcio; e a vagina, um pênis invertido. No lugar deste modelo foi criado o dimorfismo. Os corpos justificariam as desigualdades supostamente naturais entre homens e mulheres (COSTA, 1996; NUNES, 2000; MARTENSEN, 1994, *apud* BENTO, 2006, p. 115).

E assim o “normal” foi se perpetuando e cada vez mais sobre influência religiosa o que saía deste padrão era considerado “anormal” na sociedade. Trazemos a tona um novo debate sobre “normalidade”, afinal se a sociedade na nossa atualidade considera em sua maioria “normal” ser heterossexual por que existe tanto preconceito com os heterossexuais através da transfobia com o grupo T da sigla cultural LGBT? A orientação sexual da maioria das transexuais é heterossexual e mesmo assim não são aceitas na sociedade como tal. Afinal não é o corpo cis que define o gênero dessas mulheres, se assim o são e seu interesse é por pessoas do sexo oposto fica claro uma heterossexualidade, por isso não se usa o termo homofobia e sim transfobia já que o preconceito neste caso surge por serem transexuais.

A cultura está aí incentivando e normatizando situações como estas, os gestores culturais acabam levando suas crenças, as suas escolhas, que acabam privando a sociedade de usufruir de experiências culturais diferentes das que elas estão acostumadas no seu cotidiano. Mas essa cultura paralela existe e ganha cada vez mais força principalmente em meios virtuais.

O termo transexual é de certa forma recente, surge pela primeira vez em 1910 quando o sexólogo Magnus Hirschfeld utiliza o termo transexualpsíquico em menção a

travestis fetichistas (*apud* CASTEL, 2001, *apud* BENTO, 2006, p. 39). “Em 1949 Cauldwell publica um caso sobre transexual masculino e a importância deste estudo se dá por ser o primeiro que propõe algumas características exclusivas das/os transexuais.” (BENTO, 2006, p. 40). A partir dos anos de 1950 surgem mais publicações sobre o tema. E entra em total problemática com a sociedade quando nos anos de 1980 entra na categoria de transtorno (doença) no Código Internacional de Doenças – CID, nesta mesma década a homossexualidade deixa de fazer parte deste código.

Acredita-se que o gestor de cultura tem que estar apto às transformações sociais e ainda mais importantes precisa estar apto a transformar a sociedade conflitand-a através da diversidade cultural do seu próprio povo e também culturas mais longínquas. Não tem que ser normativo a ciência ou preceitos religiosos, não excluindo aí também esse tipo de cultura, mas abrindo espaço para os debates e os confrontos culturais.

2. Fotografia como expressão artística

2.1 - Fotografia e Comunicação

Há aproximadamente duzentos anos surgia à caixa preta, talvez tenha sido mesmo Joseph Nicéphore¹³ a registrar a primeira imagem técnica por esse equipamento, Flusser (1985). E esse objeto/aparelho, Flusser (1985), começou uma revolução. Essa revolução que abordamos não se trata do fim das artes plásticas como temiam os que as faziam na época ou do medo de determinados povos indígenas que não se deixavam participar da brincadeira com o aparelho por medo da perda de suas almas, assim como outras temáticas que abordam esses debates, mas sim, falamos de uma revolução de conceitos. Iremos definir nesse trabalho conceito como a significação entre aparelho, técnica e humano.

Aparelho como a caixa preta em si, física, objeto, produto, câmera, máquina, plástico, *software*, *hardware*, computadores, *chip*, filme, chapa, etc. Técnica como a forma aplicada pelo ser que manipula esse aparelho para captar a imagem técnica que ele pretende, podendo ser de diversas formas e meios, utilizando todos os recursos ou alguns presentes no aparelho, de forma automática, manual ou qualquer outra. Humano

¹³ Inventor francês responsável por uma das primeiras fotografias.

como a criatura que compra, ganha, adquire, aprende, usa instintivamente, não aprende e usa, profissional, amador, filósofo, analfabeto, o ser que manipula técnica e aparelho da forma que lhe convém, “a invenção das imagens técnicas é comparável, pois, quanto a sua importância histórica, a invenção da escrita” (FLUSSER, 1985, p. 11).

Um dos grandes questionamentos em relação à fotografia trata-se do ser real ou não o resultado da captura, mas até que ponto essa resposta é importante para a comunicação da fotografia com seu expectador? “A arte fotográfica é mais ampla e menos conhecida do que se pensa.” (SOULAGES, 2010, p. 18). E por ser mais ampla e menos conhecida, deve-se esquecer do conceito de realidade mesmo quando se trata de fotojornalismo. De alguma forma, por mais crua que seja, a tentativa do fotógrafo de expor uma realidade ou de transportar o expectador para aquela cena ela sempre será manipulada.

A fotografia é manipulada ou/e durante o processo prévio de produção, por exemplo, quando se vê uma cena e decide registrá-la, vai no mínimo entrar nessa decisão a escolha do ângulo, durante a realização quando se faz o registro e também durante a impressão, divulgação ou qualquer que seja o meio de difusão do resultado fotográfico e dentro desses parâmetros não concebemos a ideia de substituição ou de prevalência de qualidade técnica, conceitual, de signo, significado, aparelho, bens de consumo, instrumentos, etc. Mesmo em casos de ditos *fast food*¹⁴ de imagens atribuídos a aplicativos populares em redes sociais como *Instagram*¹⁵, entre outros.

Mesmo realizando trabalhos fotográficos diversos, ainda surgem intermitentemente a dúvida de, até que, ponto, a essência do objeto fotografado foi alcançado e surge desse questionamento outra dúvida a respeito da importância de ter que alcançar tal essência. Para Kant (1970, p. 302) “o objeto transcendental é igualmente desconhecido, quer se trate de intuição interna, quer da intuição externa”.

Para esse trabalho não vamos conceber a fotografia definida apenas como resposta a sua receptividade e condições. O objetivo de TransLuz tende a transcender esse conceito e levar o espectador a repensar sua própria identidade e seus parâmetros sociais em relação ao outro e a concepção de gênero sua e do outro. A particularidade

¹⁴ Termo inicialmente utilizado a gastronomia quando se fala de alimento rápido, pronto, é usado também para outros serviços, produtos, situações, etc, em que algo é feito de forma rápida sem tanto planejamento entre outros.

¹⁵ É uma rede social online de compartilhamento de foto e vídeo que permite aos seus usuários tirar fotos e vídeos, aplicar filtros digitais e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais.

do sujeito que fotografa é singular demais para poder ser generalizável e universalizável.

É por meio dos registros fotográficos que buscamos expor novos debates na sociedade acerca da cultura, neste caso em particular a cultura de gênero do universo T. TransLuz é isso também, uma possibilidade de por meio da estética fotográfica do gênero, levar uma parte da sociedade que vive à margem dela por falta de visibilidade a ser vista e ter um espaço para emergir.

A fotografia é no máximo uma pequena voz, mas às vezes, não sempre, é verdade, acontece de um só clichê, ou até um conjunto, seduzir os sentidos a ponto de desembocar numa tomada de consciência. Tudo depende de quem olha; algumas fotografias suscitam tal emoção que geram reflexão. Isso pode levar um indivíduo ou, quem sabe, um bom número dentre nós a ouvir a razão, a colocá-la no caminho certo e até, às vezes, a descobrir o remédio que cura a doença. Outros sentem, talvez, mais compreensão, mais compaixão para com aqueles cuja existência lhes é estranha. A fotografia é uma pequena voz. Acredito nisso. Se for bem concebida, consegue fazer-se ouvir (SMITH, 1983, *apud* SOULAGES, 2010, p. 34).

A fotografia aqui além do viés estético tem o valor informativo também, traz um pouco do aprendizado do fotógrafo. É um registro histórico dessas mulheres e de como elas vivem hoje na sociedade, como modificam seus corpos, como atribuem significados ao seu gênero. E de forma qualitativa abordamos essa estética T, reveladas nas imagens que compõe o projeto que servem como referência não só pelas escolhas de ângulos, poses, expressões, entre outros elementos no registro fotográfico, mas como um documento de gênero desta época.

Afinal a fotografia é um registro deste tempo e entre suas funções talvez a mais importante seja o fato de existir, de ser “uma fonte histórica, na verdade, tanto para o historiador da fotografia, como para os demais historiadores, cientistas sociais e outros estudiosos” (KOSSOY, 2001, p. 47). Se cumprido, esse papel de registro, fará com que a fotografia por si só exista como documento e por existir já deixa de ser apenas um papel ou um arquivo digital e passa a ser história.

2.2 - Fotografia e estética

Ao tratar do tema da estética sente-se a necessidade de usar o campo da semiótica como referência, o que neste trabalho não foi o caminho escolhido pelo autor.

As imagens são definidas como um “sistema semiótico” despossuída de uma metasemiótica: à medida que a língua, com sua peculiaridade metalinguística, é capaz de se auto-servir como meio de comunicação sobre si mesma, se convertendo em um discurso auto-reflexivo (BENVENISTE, *apud* SANTAELLA e NÖTH, 1999, *apud* MAUX, 2008, p. 34).

A estética na fotografia e mesmo quando se fala em fotografia de gênero tem muitos fatores como: poses, artefatos, ambientes, iluminação, velocidade do obturador¹⁶, entre outros que podem representar esta estética do gênero ou por eles serem representados.

Já as imagens não são capazes de se servir como meios de reflexão sobre imagens. Assim, o discurso verbal é imperioso ao desenvolvimento de uma teoria da imagem. Com isso, o código verbal não é capaz de se desenvolver sem imagens. E o nosso discurso verbal está cheio de imagens, ou iconicidade, como diria Peirce (MAUX, 2008, p. 35).

Optamos não abordar aqui questões profundas na semiótica por entender que esse não é o escopo para justificar a análise da estética do projeto TransLuz. Nessa perspectiva em contrapartida vamos usar outros teóricos e teorias para falar sobre a estética fotográfica. “O observador de fotos e de obras fotográficas é reconhecido na especificidade de sua abordagem, ou melhor, ele se tornou artista” (SOULAGES, 2010, p. 200). O observador será então o definidor desta estética em um primeiro momento, ele que irá fazer sua compreensão através dos seus próprios mecanismos pessoais que o trouxeram a analisar essa exposição.

Em termos de escolhas de poses, ângulos e situações vivenciadas nos registros deste projeto, como registrado anteriormente, foi usado como inspiração o fotógrafo americano Irving Penn, contudo o fator de cor ou ausência dela, apesar de ter sido inspirado nesta referência se deu também por outros motivos.

Pode parecer uma estratégia negativa, mas você ficará encantado quando descobrir que, quanto menos cores houver, mas forte serão as suas imagens. No final, o processo de simplificação pode levar a apenas uma ou duas cores. Essencialmente, então, você está criando imagens em tons de preto-e-branco [...] a eliminação da variedade de cores permite que se trabalhe com os elementos gerais da cena – variação tonal – o que possibilita descrever volume, articulação de espaço e detalhes a serem expressos (ANG, 2010, p. 57).

16 O obturador é um dispositivo mecânico que abre e fecha, controlando o tempo de exposição do filme (ou do sensor das câmeras digitais) à luz em uma câmera fotográfica.

Existindo a possibilidade de fortalecer essas imagens, já que um dos objetivos é fazê-las aparecerem, se justifica o uso da ausência de cores nas fotos. Se as opções até aqui de inspiração para a realização estética das fotos e da paleta de cores ou ausência delas foram justificadas, falta validar a fotografia enquanto arte e documento:

A melhor abordagem da fotografia é poética. Essa liberdade diante da foto explica a dificuldade que o receptor sempre sente diante dela: como aborda-la? Como entrar em sua poesia? Como deslocá-la para a arte? [...] Desse modo, diante de uma foto, a dificuldade é a mesma que diante de um haicai: é difícil a gente mesmo ser poeta (SOULAGES, 2010, p. 200).

Além do denominador arte como rótulo para ao trabalho existe a questão do documento, de em como esse trabalho pode servir de referências para pesquisas sobre o universo T.

A imagem captada na fotografia consiste em um “testemunho visual” do que aconteceu para aqueles que se encontravam ausentes da cena. A fotografia é referência do acontecido e o que resta dele, é um fragmento congelado do instante passado a caracterizar a interferência do fotógrafo nesse instante (KOSSOY, 1979, *apud* MAUX, 2008, p. 43).

O fotógrafo vai ser o autor deste processo deste congelamento, ele que vai dirigir a pessoa fotografada, vai definir o ângulo que lhe agrada e o que ou que parte da pessoa vai ser clicada, mesmo que se tenha usado referências para tal. Por meio da sua estética empírica ou não ele define qual a posição que a pessoa irá ser congelada no clique, qual a posição do cabelo e mãos entre tantos outros tantos aspectos técnicos da fotografia que acreditamos não precisam ser descritos aqui.

Aplica-se na estética de TransLuz essa poética de Soulages (2010) e esse testemunho visual de Kossoy (1979), um dos grandes objetivos do projeto é não se repetir em nenhuma situação de exposição pública. No que se caracteriza por: mesma sequência de imagens, mesmas imagens, organização das imagens, entre outros, criando assim a possibilidade de cada exposição ser única. É uma possibilidade de o fotógrafo levar durante o período de vigência do projeto sempre um “espetáculo” novo, mesmo que seja sempre o mesmo. Pode-se comparar com o teatro, por exemplo, onde cada apresentação tem sua particularidade, mesmo que seja um grupo em excursão com o mesmo espetáculo.

É preciso que haja um vazio lógico para que aquele que olha a obra invista nela sua própria lógica e para que a obra, de fato, se realize no olhar daquele que a vê. Ela se torna, desse modo, a projeção direta da consciência do espectador, de sua lógica, de sua ética pessoal e de seu gosto. A obra deveria remeter, como que por *feed-back*, ao protótipo que o espectador traz de si (LEVINE, *apud* LIZÉ, 1981, p. 17, *apud* SOULAGES, 2010, p. 201).

Esse vazio lógico tem espaço na composição do projeto e foi pensado em como os espectadores serão levados às fotos dessas mulheres desnudas e em como esse processo pode inferir no que ele traz de si e leva consigo ao final da contemplação dessas imagens.

Quando se fala especificamente de estética do gênero na cultura T o que deve definir esse rótulo? Por ser um estudo ainda pouco explorado percebem-se as lacunas relacionadas à temática. Pretende-se construir neste trabalho uma (nova) abordagem do tema com o intuito de ser passível de estudo e usado como referências em projetos que utilizem à temática T, estima-se assim que se torne um prolegômeno. “Há essa falta que cria um desejo inextinguível de fotografia. A fotografia nos confronta então com o enigma do real. Ou melhor, ela é interrogação do real” (SOULAGES, 2010, p. 343). Cria-se ainda uma necessidade inerente de usar uma definição estética para justificar esse projeto.

Um dos seus fundamentos deve ser a análise racional da fotograficidade, isto é, daquilo que é especificamente fotográfico em toda fotografia possível. Ora, a fotograficidade caracteriza-se pela articulação surpreendente e única do irreversível e do inacabável, mas precisamente da irreversível obtenção generalizada do negativo e do inacabável trabalho com esse negativo. A fotografia é, portanto, a articulação da perda e daquilo que permanece (Idem, p. 343).

Tem ainda um ponto bastante abordado por curadores e críticos quando se refere à poética¹⁷ de uma obra ou de um conjunto de obras, algo requisitado por curadores e críticos de arte. Soulages (2010) complementa a definição acima de fotografia e estética falando sobre poética, mesmo quando surge a dúvida de até que ponto fotografia é uma semi-arte ou arte.

Essa poética pode repensar em seguida as próprias noções do ato fotográfico, da ação fotográfica e de metafotográfico. [...] Ela pode então compreender como e por que os fotógrafos se confrontam, e isso de maneiras diferentes, com o problema do mundo – mundo interno, mundo exterior e mundo fotográfico -, e como e por que alguns

17 É o estudo das obras, particularmente as narrativas, que visa esclarecer suas características gerais, criando conceitos que possam ser generalizados para o entendimento da construção de outras obras.

constroem uma obra crítica – crítica da realidade, das representações da realidade, da fotografia ou da arte em geral. (Idem, p. 344).

Em TransLuz a poética é a possibilidade de ser e não ser o que é, é o fragmento de intimidade representado em banco-e-preto nas imagens, são pequenas expressões e gestos de um universo exclusivo e particular das travestis e transexuais que o espectador tem a oportunidade de observar é a chance de descobrir um universo bastante conhecido, mas pouco explorado com a intimidade direcionada que as imagens podem representar, direção essa que leva o outro para além dele e deixa em si o que vem do outro.

A estética geral da fotografia pode então tomar como objeto a arte fotográfica. Como uma coisa só adquire sentido em função das relações que mantém com as outras coisas, a arte fotográfica deve ser estudada em função de suas relações com as outras artes – relações de cocriação, de transferência, de referência, e de registro. Assim sendo, a querela relativa à fotografia chamada de plástica está ultrapassada. A fotografia em sua totalidade mostra, assim, estar no cerne da arte contemporânea. E até, de certa maneira, ser seu próprio cerne, pois a estética do registro demonstra que a fotografia desempenha aí um papel central. (SOULAGES, 2010, p 345).

Define-se, portanto, uma conclusão para este estudo referente à celeuma arte/fotografia, a estética pessoal do autor se mostra então de forma explícita, porém não necessariamente será recebida desta forma pelos diversos tipos de receptores da fotografia como produto final. Quem analisa as fotos traz consigo também sua visão de mundo e de estética e através dela criará novos signos e significados desta imagem.

Por conseguinte, ao se analisar uma fotografia, é necessário levar em conta que há um inevitável entrelaçamento entre fotógrafo, câmara e assunto, que irá sempre trazer diferentes visões do real, ou seja, o aspecto da imagem escolhido pelo fotógrafo está intimamente relacionado a sua subjetividade. [...] Essa subjetividade é proveniente de sua bagagem cultural, seu grau de sensibilidade e criatividade, inseridas em determinado momento histórico-social. A soma desses fatores subjetivos encontra-se presentes no processo de produção da imagem fotográfica, pois são os responsáveis pela motivação ao fotógrafo em registrar determinada imagem. (KOSSOY, 1979, *apud* CORREA, 2005, *apud* MAUX, 2008, p. 52).

Entretanto, o resultado de um trabalho fotográfico tende a ser o conjunto de elementos que perpassam a visão de mundo do fotógrafo e o espectador destas imagens traz consigo essa mesma infinidade de construções pessoais na análise desta obra artística. Toda fotografia é o resultado do seu fotógrafo.

3. Gestor, Curador, Elas

3.1 - Experiência delas

O processo de fotografá-las sempre esteve ligado a um momento de contemplação e respeito à necessidade pessoal de cada uma dessas mulheres de ser mulher e foi através das histórias contadas e dos momentos entre cliques que foi possível buscar uma forma pessoal de conseguir deixá-las viverem o momento o mais natural possível, ser mulher através das fotos. No início do processo de fotografá-las foi necessária à intervenção do fotógrafo com o intuito de evitar a “sexualização” das fotos – ato de gerar uma imagem pornográfica – afinal não era, pois o objetivo do projeto e o fato delas estarem nuas de alguma forma já contribuí para isso, além da necessidade de muitas terem que usar a sexualidade como forma de sobrevivência por não serem aceitas no mercado de trabalho dito convencional. Foi um trabalho minucioso e que até certo ponto lhes era permitido extravasar essa sexualidade inerente e quando os cliques iam acontecendo, através da direção dada, tentávamos ir além desse primeiro contato.

Dentre as histórias nas sessões uma das mais curiosas foi uma senhora com mais de quarenta anos, que vive em Camocim, no Ceará, com a população em torno de 60 mil habitantes, onde ela é bem aceita na sua comunidade e vive um poliamor¹⁸. São histórias de mulheres que lutam para ter seu nome social¹⁹ respeitado, de ser mãe através de adoção, que colocaram silicone industrial no corpo e que, em alguns, casos sofrem as consequências disso, ou das que tomam hormônios para modificar seu corpo, em algumas vezes sem acompanhamento médico.

Para dar espaço também neste trabalho a voz delas, além, das fotos em si convidamos algumas travestis e/ou transexuais para responder questões sobre a participação no projeto TransLuz, essa escolha levou como base as que tem uma atuação maior na busca por visibilidade LGBT e que teriam disponibilidade para responder alguns questões realizadas por email sobre a participação no projeto e tópicos referentes aos LGBT. A primeira narrativa vem de Rebecka de França (Rebecka Glitter

¹⁸ É a prática, o desejo, ou a aceitação de ter mais de um relacionamento íntimo simultaneamente com o conhecimento e consentimento de todos os envolvidos.

¹⁹ É o nome pelo qual as travestis/transexuais preferem ser chamadas cotidianamente, em contraste com o nome oficialmente registrado que não reflete sua identidade de gênero.

na exposição) que tem 29 anos e é natural da cidade Natal, no Rio Grande do Norte, onde mora com sua mãe e se define cristã religiosamente e enfatiza ser contra muitas práticas das igrejas, “Adoro DEUS em minha casa e do meu jeito” diz. Está desempregada, mas estudando para prestar o exame do ENEM, onde inclusive conseguiu ser reconhecida pelo seu nome social.

Quando questionada sobre como o corpo pode ser o que marca a fronteira entre os gêneros ela diz: “Acho que o corpo não marca, pois vejo tanta gente recorrendo às cirurgias plásticas, e mudando assim várias partes de seus corpos (implante de próteses, *megahair*, lipoaspiração) também há mudanças simples e que não precisam de tanto dinheiro, o simples fato de tirar as sobrancelhas ou descolorir os pelos, já implica num tipo de mudança, na verdade acho que a fronteira está em outros dois lugares: coração e cérebro. Ser mulher é ter a essência e a sutileza de se identificar com o Gênero feminino, sem precisar ser frágil e delicada pra obter esse resultado”.

Ao falar sobre o projeto TransLuz – Outras expressões femininas ela diz que: “a delicadeza, sutileza e a diferença das mulheres TRANS, mulheres estas que são como quaisquer outras, mais que sofrem mais que as mulheres CIS pela perseguição, machismo e preconceito que existe contra elas”. E que durante o processo de realização das fotos no começo se sentiu tímida, pois a sociedade muitas vezes as trata como aberrações e isso fica no inconsciente dela, daí surge um sentimento de reclusão, mais que a equipe foi maravilhosa e a deixou a vontade e de bem consigo mesma.

Sobre como o projeto pode contribuir para a cultura T ela fala que: “as pessoas acham que não produzimos cultura, mais se formos analisar a CULTURA LGBT em geral, veremos que as grandes contribuições vieram do movimento TRANS, bem lá no passado quando iam aos palcos fazerem dublagens de grandes artistas e que até hoje muitas sobrevivem disso, além disso, antes de existirem as famosas "*Drag Queens*"²⁰ os gays se montavam de travestis, assim implícita mais uma vez traços dessa cultura. Dessa forma, ao verem a exposição TRANSLUZ estarão se acostumando a ver essa população e conseqüentemente pesquisar sobre elas são e o que produzem”.

Já a transexual Bárbara Aires, que diz não gostar de revelar a idade, é paulista, mas que mora na capital fluminense. Ela não tem muito contato com a sua família: “é uma relação cordial, mas sem carinho ou aproximação. E meu pai não fala comigo”.

²⁰ São artistas performáticos que se travestem, fantasiando-se cômica ou exageradamente com o intuito geralmente profissional artístico.

Agnóstica fala que: “atualmente sou prostituta, mas já fui produtora de TV e atuo como atriz também” e tem o ensino médio completo.

Quando questionada sobre se é o corpo que marca a fronteira de gênero diz: “Não exatamente. Talvez a maior marca, mas não é o que marca. E mesmo assim há controvérsias. Uma transexual com genital masculino, pênis, deixa de ser mulher? E um homem trans, deixa de ser homem por ter vagina? Então o corpo é uma ferramenta para marcar essa fronteira, mas também há limitações. Pra mim, o que marca essa fronteira é a psique de cada um, mas infelizmente a pessoa, a sociedade, precisa evoluir muito para entender isso e desvincular homens e mulheres de genitais”.

Ao falar sobre as expressões femininas que adicionou ao projeto Aires fala que: “a expressão mais forte é da sensualidade, é difícil se desapegar desse vínculo corpo nu = sensual. Tentei trazer um pouco do sofrimento e da dor para se chegar a esse corpo, mas não sei se consegui”. Sobre sua experiência em participar do projeto ela diz que: “tenho experiência com o nu, e apesar de almejar a transgenitalização, lido bem com meu nu atual. Me incomoda mais o corpo fora de forma por exemplo, (risos). Me senti bem, me senti alguém. Faz bem para o ego e auto estima, algo que a sociedade no geral e no dia a dia teimam em nos tirar”.

Quando o tema abordado no questionário é cultura T Aires fala que TransLuz pode contribuir de várias formas e diz: “só o fato da discussão sobre as pessoas T já é algo maravilhoso. Mas tem a curiosidade. Acho que pode contribuir por mostrar belezas diversas e para quebrar os estereótipos que a sociedade tem sobre as pessoas T e suas formas” e define cultura T como: “a mesma cultura que dos Cis. Não acredito em segregação e guetos. Talvez a única diferença que tenhamos é a questão dos shows de dublagem que são mais comuns a pessoas T do que Cis. E geralmente somos mais criativos e temos uma veia artística mais a florada”.

Ainda foi perguntado o que é ser mulher e qual a definição dela para travestis/transsexuais. Sobre ser mulher: “é se sentir mulher. Existem definições sociais, as quais eu questiono e discordo. Não tem como definir em palavras, apenas sentir”, sobre travestis/transsexuais ela diz que “todas são transsexuais, operadas ou não, que desejam a cirurgia ou não, como definem Europa e EUA. Mas como aqui no Brasil tem essa definição e diferenciação, travesti é aquela que fez as transformações e vivencia 24h o gênero ao qual se sente, se define pertencente, mas não almeja a cirurgia. A transexual é a mesma coisa, porém almeja a cirurgia de transgenitalização, ou já fez”.

O terceiro depoimento é de uma participante que não foi fotografada ainda, mas que por meio dela que surge a proposta de realizar o ensaio fotográfico TransLuz, afinal sua história foi o início da pré-produção do projeto. Carolina Almeida é natural de Campina Grande, na Paraíba e onde reside, mora atualmente com seus pais e namora com um estrangeiro. Sobre a família ela diz: “amo minha família (pai e mãe), sou bem aceita por eles”. Almeida se declara não ter religião e sobre estudos enfatiza que é formada em estilismo em confecção industrial e que atualmente está ativista e militante social do movimento LGBT na Paraíba.

Foi através dela – Carolina - que chegamos as outras. Uma primeira etapa do projeto se inicia oficialmente no próprio apartamento de Carol onde foram fotografadas as três primeiras mulheres: Kamilla, Roberta e Kelly. Neste momento, a fundamentação do projeto já existia e a partir dela foi definido como se daria todas as outras fotos. O segundo momento aconteceu quando o fotógrafo foi convidado a participar de um encontro de jovens travestis e transexuais em Natal, Rio Grande do Norte em 2013.

Almeida diz que “conceitualmente travestis são híbridas (dois em um), se identificam com o gênero feminino e não se sentem incomodadas com o seu genital. Ao contrário das Transexuais, que não se sentem confortáveis com seus sexos, podendo ou não se submeter à cirurgia de readequação sexual e fala que sobre ser mulher: “há quem argumente que ser mulher é ser mãe, como se a “natureza” feminina unicamente se reduzisse à maternidade, mesmo que seja essa dádiva tão peculiar ao sexo feminino. A mulher definitivamente é a “espécie” mais interessante, inevitavelmente para qualquer artista, uma escritora, descrever uma mulher é muito mais interessante, é mais complexo e muito mais sofisticado”, citando algum texto da escritora Fernanda Young.

Ela fala sobre o corpo T dizendo que “gênero não é biológico, é uma construção social. Não há nada de natural em ser “homem” ou em ser “mulher”, os papéis sociais fazem parte do sistema patriarcal judaico cristão. De forma que, a biologia entre essas suas espécies são distintas em suas peculiaridades”. E sobre expressões femininas diz que: “não existe uma única expressão do feminino, existe um padrão na qual querem inserir a mulher, dessa maneira, existem vários tipos de feminilidade além da mulher cis, magra, alta, branca, bem sucedida, com um bom casamento. Portanto, a transexualidade feminina é uma outra expressão do universo feminino e dentro dela existem suas outras expressões de corpos e desejos peculiares”.

Quando abordado o tema de cultura T ela leva ao seguinte questionamento: “o que seria uma cultura T? Entende-se como cultura a maneira, o modo como a sociedade atribui os comportamentos no âmbito social cultural. O modo como as trans (travestis e transexuais) vivem giram em torno da legitimização dos seus corpos, uso de silicone, intervenções estéticas e cirúrgicas e de hormônios femininos são comuns. Grande parte da população travesti vive à margem da sociedade, possui baixa escolaridade pela exclusão social na qual estão submetidas, condicionadas á prostituição”.

Através destes depoimentos percebe-se a necessidade de uma debate mais amplo sobre o tema e em como o projeto TransLuz pode servir como referência para esse processo, levando imagens, mas também diálogos entre a sociedade do centro e da periferia sobre o tema T.

3.2 – O olhar além do clique

Objetiva-se também ter a visão do curador ou gestor cultural sobre o projeto fotográfico TransLuz por entender-se que o profissional desta área é um ator de relevância e destaque nas artes visuais, contudo sua participação vai além da organização das obras e do espaço. Como diz Lúcio (2009, p. 01), “pesquisa, problematizações, senso de historicidade, conhecimentos em história da arte e uma boa dose de jogo de cintura, são um dos elementos básicos de um bom profissional”. Sendo assim, convidamos dois profissionais da área para trazer opiniões sobre o gestor de cultura e sobre o projeto TransLuz. No contato foi apenas solicitado que eles observassem as fotos em anexo ao seu email – fotos do anexo - e falasse sobre o projeto, também em anexo seguiu o resumo deste trabalho acadêmico – encontrado no início do TCC.

A atividade em curadoria requer várias habilidades – e não apenas o conhecimento específico em História e Teoria da Arte. Requer uma atualização constante numa área de interesse, seja geográfica, seja temática, sobre um campo específico da produção artística. Requer também a habilidade em expor visualmente, em dispor das obras num espaço expositivo, seja qual for. E, por fim, requer uma capacidade de apreensão discursiva do objeto de trabalho e de suas contiguidades através da palavra, seja escrita ou falada (TEJO, 2011, p. 35 *apud* LÚCIO, 2009, p. 07).

O convite foi feito para o curador Dyógenes Chaves que é da Associação Brasileira de Críticos de Arte – ABCA. Chaves diz: “o registro fotográfico da série

TransLuz, de Wagner Pina, antes de tudo propõe múltiplas possibilidades de abordagem e não se esgota, por exemplo, na simples transcrição do real. Na verdade, esse “real” que surge nas imagens de travestis/transsexuais já bastaria para sermos receptivos às intenções do autor ao falar de assunto tão delicado e discutido nestes tempos atuais. Mesmo que trate da imortalidade do corpo, esta série nos apresenta outra mensagem no que se refere à beleza, à nudez, ao desejo, quando damos conta daquilo que está implícito nas imagens. Ora, ao depararmos com o outro – neste caso, poder até penetrar no seu íntimo –, quem sabe ele não nos reflita ou nos faça refletir? Afinal, a percepção das diferenças é que dá sentido à representação, ou, o desejo do homem em se ver sempre existiu”.

Quando solicitado a falar sobre o curador e/ou gestor de cultura ele diz: “na atualidade o artista tem a necessidade não só de ampliar sua atuação na produção artística, nas técnicas e nas práticas, mas de, principalmente, conhecer todo o funcionamento da cadeia produtiva da área onde atua. No caso das artes visuais, saber esticar uma tela, preparar a sua base e tintas, resolver a moldura ou embalá-la corretamente hoje se aliam a outros saberes e demandas: desde escrever um projeto cultural ou buscar patrocínio, até realizar a própria gestão de sua carreira ou organizar uma exposição (sua ou de outros artistas) são atividades cotidianas do artista contemporâneo. E assim tenho atuado desde o início dos anos 1990, em instituições públicas e privadas, organizando eventos e exposições, escrevendo livros e editando revistas, publicando em jornais e participando de seminários acadêmicos e encontros de classe para debater e refletir sobre políticas públicas para as artes, para a cultura. A isso damos o nome de gestor cultural. E é onde tenho mais atuado nos últimos anos”.

O outro convidado, Paulo Rossi, é fotógrafo há mais de 20 anos tendo atuação voltada basicamente para a fotorreportagem e para o ensino da fotografia. Foi coordenador dos cursos de fotografia da Casa das Artes Visuais – CAV, em João Pessoa; Também professor de Fotografia e Ciências Humanas no curso de Pós- Graduação em Fotografia da Fundação Armando Álvares Penteado - FAAP, em São Paulo; Tem experiência como curador associado do ciclo de debates presenciais e on- line Corpo Imagem dos Terreiros: experiência ritual, produção de presença do programa Cultura e Pensamento do Ministério da Cultura; Também foi curador da exposição Variações do feminino: bastidores do universo trans em 2010 e 2013; E do projeto

Novíssimos: talentos da fotografia autoral na Paraíba, 2013. Paulo começa sua análise trazendo uma citação:

O espaço que contém o que eu vejo e o que eu deduzo é o que me interessa. Eu desconfio que em algum momento entre essa distância que está entre o que eu vejo e o que eu não vejo esteja uma possível poesia que eu tento encontrar. Walter Carvalho²¹

E começa o texto falando que: “embora a fotografia tenha contribuído para o sepultamento da aura entorno da obra de arte, o retrato fotográfico, por outro lado, mantém acesa uma outra aura, a da curiosidade que a imagem do retratado desperta no espectador a respeito do sujeito fotografado - quem foi ele; o que fazia; sua psicologia etc., mesmo sendo este um anônimo. Isso decorre da natureza de testemunho factual que se impõe a boa parte dos retratos fotográficos.

Entretanto, o retrato porta mais informações a respeito do jogo de negociações entre fotógrafo e fotografado no ato fotográfico, e menos a respeito da psicologia do retratado. É antes um documento impregnado de fantasias do fotógrafo, do fotografado, e do espectador, do que de “exatidões da verossimilhança”, como propôs o sociólogo José de Souza Martins.

Sobre o projeto aqui estudado Rossi diz: “o ensaio fotográfico Transluz, de Wagner Pina, é composto por retratos em preto e branco de transexuais posando nuas, fotografadas em um cenário despojado de qualquer objeto, a não ser uma lona de tom cinza médio que em boa parte das imagens aparece enrugada pelo movimento dos corpos. A iluminação pouco varia, e as modelos estão sempre bem juntas ao fundo do cenário, gerando assim um padrão harmônico para o conjunto ensaio. São estas escolhas do autor que locupletam sua fantasia, que explicitam o clima que ele imaginou para a construção de sua obra. Na pose das modelos reside a tensão entre as fantasias de como o fotógrafo imagina cada modelo e sua obra, e como as modelos se imaginam em cada retrato e no conjunto da obra. É o campo das subjetividades em jogo no ato fotográfico. Entre a informação que o título nos dá e o que as imagens nas fotografias nos faz sentir está a fantasia do espectador. Embora se trate de retratos de transexuais como informa o título, o que menos se aborda no ensaio é a precisão do gênero da pessoa fotografada. A genitália escondida remete ao pudor e nos leva a observar os corpos impregnados de feminilidade. E é neste ponto que eu percebo a poética da obra”.

21 Trecho extraído da entrevista do fotógrafo e diretor de cinema Walter Carvalho para o documentário Ilumiados, dir. Cristina Leal, 100', 2007.

3.3 – Gestor de Cultura um ator importante na sociedade

A cultura é um fator de poder econômico, de desenvolvimento social e humano, mas só recentemente começa a ser apropriadamente explorada. Esse desenvolvimento do setor cultural vem acontecendo com maior ênfase desde a aprovação da primeira lei focada no abatimento do incentivo fiscal para a cultura, Lei Sarney (Lei n. 7.505) em 1986. Um dos méritos da Lei Sarney foi:

Semear entre os empresários a ideia de vinculação de sua marca a um bem cultural como forma de comunicação da empresa, bem como de apresentar aos governantes a possibilidade de viabilizar as produções culturais através das leis de incentivo (OLIVIERI, 2004, p. 72).

No governo do Presidente Collor surge a Lei n. 8.313/91, bastante conhecida no setor de cultura como a Lei Rouanet²², que instaurou o Programa Nacional de Apoio à Cultura. Outra Lei que vale o registro é a Lei do Audiovisual²³, Lei n. 8.685 no governo de Itamar Franco. Como se observa são leis de certa maneira recentes, leis essas que geraram movimentos culturais a partir dos anos de 1980 e que colocaram a cultura com uma dimensão correspondente ao desenvolvimento social, econômico e humano, surge então à necessidade de profissionais especialistas nesta área.

O gestor de cultura tem entre seus fundamentos ser um profissional capaz de ter visão estratégica e sensível e que deve ser capacitado para as funções que servem neste setor. No início esse profissional não se especializava em cursos, a grande maioria surge de diversos outros setores do saber e com experiência na prática administrando projetos, espaços, secretárias em diversos setores públicos e civis acabam se tornando gestores culturais. Essas outras linguagens e roupagens do gestor de cultura previa precisa ser revista e incentivada, assim como acontece com as leis de cultura no país. Ainda assim é uma profissão relativa nova, que está em processo, contudo:

A formação do gestor de cultura deve ser entendida como uma composição de elementos, em que só o autodidatismo não consegue mais responder a todas as demandas do processo formativo e nem o

22 A Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei nº 8.313 de 23 de dezembro de 1991) é a lei que institui políticas públicas para a cultura nacional, como o PRONAC - Programa Nacional de Apoio à Cultura. Essa lei é conhecida também por Lei Rouanet (em homenagem a Sérgio Paulo Rouanet, secretário de cultura de quando a lei foi criada).

23 Lei cuja finalidade primeira foi estimular a produção cinematográfica brasileira mediante aquisição de cotas de comercialização de filmes no mercado de capitais.

ambiente estritamente acadêmico, que ainda não é suficientemente específico (CUNHA, 2013, p. 25).

A importância desse incentivo público principalmente espaldado em leis é tamanho. Quando analisamos a movimentação de recursos financeiros no país relacionados à cultura observa-se entre os anos de 1993 a 2012 um aumento de quase 60 vezes se falando só em Lei Rouanet, entretanto a preocupação atual do gestor de cultura é sair da dependência das leis de incentivo e criar possibilidades de promover cultura de outras formas. Deste modo, se estabelece uma discussão de política pública em que “o próprio Estado propunha que os recursos fossem buscados pretensamente no mercado, só que o dinheiro em boa medida era público, decorrente de mecanismos de renúncia fiscal” (RUBIM, 2007, p. 24 *apud* CUNHA, 2013, p. 14). Para definir o que seria gestão cultural e como o gestor tem que atuar neste campo usaremos esta definição:

No campo específico da cultura gerir significa, uma sensibilidade de compreensão, análises e respeito dos processos sociais. Capacidade de entender os processos criativos e estabelecer relações de cooperação com o mundo artístico e suas diversidades expressivas. A gestão cultural implica uma valorização dos intangíveis e assumir a gestão do opinável e subjetivo. A gestão da cultura há de encontrar referentes próprios de sua ação adaptando-se a suas particularidades e encontrar forma de evidenciar, de forma muito diferente, os critérios de eficácia, eficiência e avaliação (MARTINELL, 2003, p. 7 *apud* CUNHA, 2013, p. 16).

Porém seriam apenas sensibilidade e compreensão fatores principais determinantes de um gestor de cultura? Para complementar as definições de Martinell temos:

A gestão cultural é uma profissão complexa que estabelece um compromisso com a realidade de seu contexto sociocultural, político e econômico e, para tanto, é preciso à consciência de que gerenciar e planejar não significa, em momento algum, intervir na liberdade de expressão individual ou de grupos artísticos, ao contrário, significa sintonizar ideias, compreender as realidades no entorno e no mundo, dimensionar recursos financeiros e humanos para tornar mais eficiente e eficaz a ação pretendida (CUNHA, 2013, p. 17).

Por essas definições percebe-se a responsabilidade o gestor cultural e como ele precisa ter a mente aberta à diversidade de possibilidades e funções que esse caminho profissional o leva. No caso de TransLuz a ampliação se deu quando o gestor de cultura/fotógrafo se deparou tendo que defender o heterossexualidade algo impensável ao seu trabalho, afinal Pina estava pessoalmente em busca de um projeto em que se

aborda a temática da homossexualidade. É de certa forma um caminho oposto no qual resolve-se criar o projeto cultural que como gestor e artista desenvolve.

Como todo processo cultural, organização é um item indispensável e para desenvolver TransLuz foi utilizado alguns recursos específicos. No planejamento estratégico que é uma das principais ferramentas do gestor cultural no seu cotidiano, utilizou-se o FOFA²⁴ – que consiste em uma dinâmica de trabalho a ser realizada no planejamento com o objetivo de identificar, a partir de questionamentos, quais são as fortalezas e fraquezas no ambiente interno, e as oportunidades e ameaças no ambiente externo, orientando não só o diagnóstico, mas também na elaboração de estratégias para minimizar os pontos negativos e fortalecer as suas potencialidades. Outros passos seriam a definição de missão, visão de futuro, foco de atuação e inovação, objetivos e resultados esperados; a sustentabilidade, cronograma, estratégias, implementação, além de plano de ação e avaliação entre outros passos.

Com base em Cunha (2013, p. 26) ao dizer que: “o gestor cultural deve ser capaz de materializar e dinamizar no âmbito local, regional e nacional as práticas que configuram a cultura de uma comunidade”, surge TransLuz com o intuito de levar a prática cultural da comunidade T da sigla LGBT ao máximo de público possível. É com base nessa necessidade cultural que foi observado na nossa sociedade que surgiram as bases do trabalho artístico aqui em estudo.

24 A Análise SWOT ou Análise FOFA é uma ferramenta utilizada para fazer análise de cenário (ou análise de ambiente), sendo usada como base para gestão e planejamento estratégico de uma corporação ou empresa, mas podendo, devido a sua simplicidade, ser utilizada para qualquer tipo de análise de cenário, desde a criação de um blog à gestão de uma multinacional.

Considerações Finais

Estar apto a compreender o que a sociedade pode usufruir culturalmente é um trabalho bastante complexo e árduo. Quando se funde as funções de ser o agente e o ator deste processo as complicações podem ser ainda mais elevadas. Todavia, a possibilidade de se expressar artisticamente e de gerir esse processo torna-se um deleite quando o objetivo de alcançar não o todo, mas alguma pessoa neste processo acontece. Percebe-se neste momento que o trabalho almejado pelo gestor de cultura e pelo fotógrafo foi alcançado.

Esse trabalho dirá que sim, que os homens e mulheres de verdades são aqueles que assim o se denominam. Uma das lições desse projeto é o desejo gritante dessas mulheres T serem respeitadas como mulher e em sua maioria com orientação sexual definida como heterossexual, que sofrem de transfobia na maior parte do seu cotidiano. TransLuz e a vida das travestis e transexuais estão definitivamente ligadas a do fotógrafo não só pelo projeto, mas também por empatia. TransLuz mais do que um trabalho artístico pretende ser uma forma de debate, de inclusão na pauta de pelo menos das pessoas que conseguirem chegar a alguma exposição desta e que tenha a possibilidade de refletir sobre o outro e suas necessidades. Afinal “o poder não é coisa que alguém tem em detrimento do outro. Deve-se interpretá-lo como uma multiplicidade de correlações de força internas aos campos sociais (FOUCAULT, 1985, *apud*, BENTO, 2006, p. 62)”.

Se o gestor de cultura aprende a usar o poder que ele tem nas mãos para tornar a sociedade um lugar mais amplo e aberto, sem dúvida esse profissional colabora para uma qualidade de vida melhor de sua comunidade. Cabe a este fotógrafo continuar incessantemente sua busca de possibilidades a serem exploradas pelo que talvez a hipocrisia da sociedade não queira enxergar.

REFERÊNCIAS

- ANG, Tom. **O fotógrafo completo**. Trad. Jeff Silva. São Paulo: Editora Europa, 2010.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- _____. **Queer o quê?** Ativismo e estudos transviados. *Cult*, 193, 42 – 46, Ago. Bregantini, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. **Un art medio**: ensayo sobre los usos sociales de la fotografia. Barcelona: Gustavo Gilli, 2003.
- CUNHA, Maria Helena. **Gestão Cultural**: profissão em formação. Belo Horizonte: DUO Editorial, 2007.
- DEBRAY, Régis. **Vida e morte da imagem**: uma história do olhar no ocidente. Petrópolis: Vozes, 1993.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- KANT, E. **Critique de la raison pure**. Trad. Tremesaygues e Pacaud. Paris: PUF, 1970. Ed. Brás. *Crítica da razão pura*. Trad. Lucimar A. Coghi Anselmi e Fulvio Lubisco. São Paulo: Ícone, 2007.
- KASS, Hailey. **O que são pessoas cis e cissexismo**. Disponível em: <http://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/09/17/o-que-sao-pessoas-cis-e-cissexismo/>. 2012. Acesso em 21 jun. 2014.
- KATZ, Jonanthan Ned. **A Invenção da Hetero Sexualidade**. Rio de Janeiro: Ed. Ediouro Publicações, 1996.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial. 2001.
- LÚCIO, Carolina Carmini Mariano. **A trama do valor na arte: aspectos da história da curadoria**. Artigos premiados, São Paulo, 20 ed, p. 07, 2009.
- MARCUS, Eric. **Making Gay History**: The Half-Century Fight for Lesbian & Gay Equal Rights. Harper Perrenial, 2002.
- OLIVIERI, Cristiane Garcia. **Cultura neoliberal**: leis de incentivo como política pública de cultura. São Paulo: Escrituras, 2004.
- ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que falam**: leitura de arte na escola. Porto Alegre: Mediação, 2003.

ROUILLÉ, André. **A fotografia entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Senac, 2009.

SOULAGES, François. **Estética da fotografia**: perda e permanência. Trad. Iraci D. Poleti e Regina Salgado Campos. São Paulo: SENAC, 2010.

ANEXO

Yasmin Nascimento, 2013



Agatha Lima, 2013



Patricia Ceará, 2013



Dávila Medeiros, 2013



Bárbara Aires, 2013



Bárbara Pastana, 2013



Beatriz Chaves, 2013



Marcela, 2013



Maria Clara, 2013



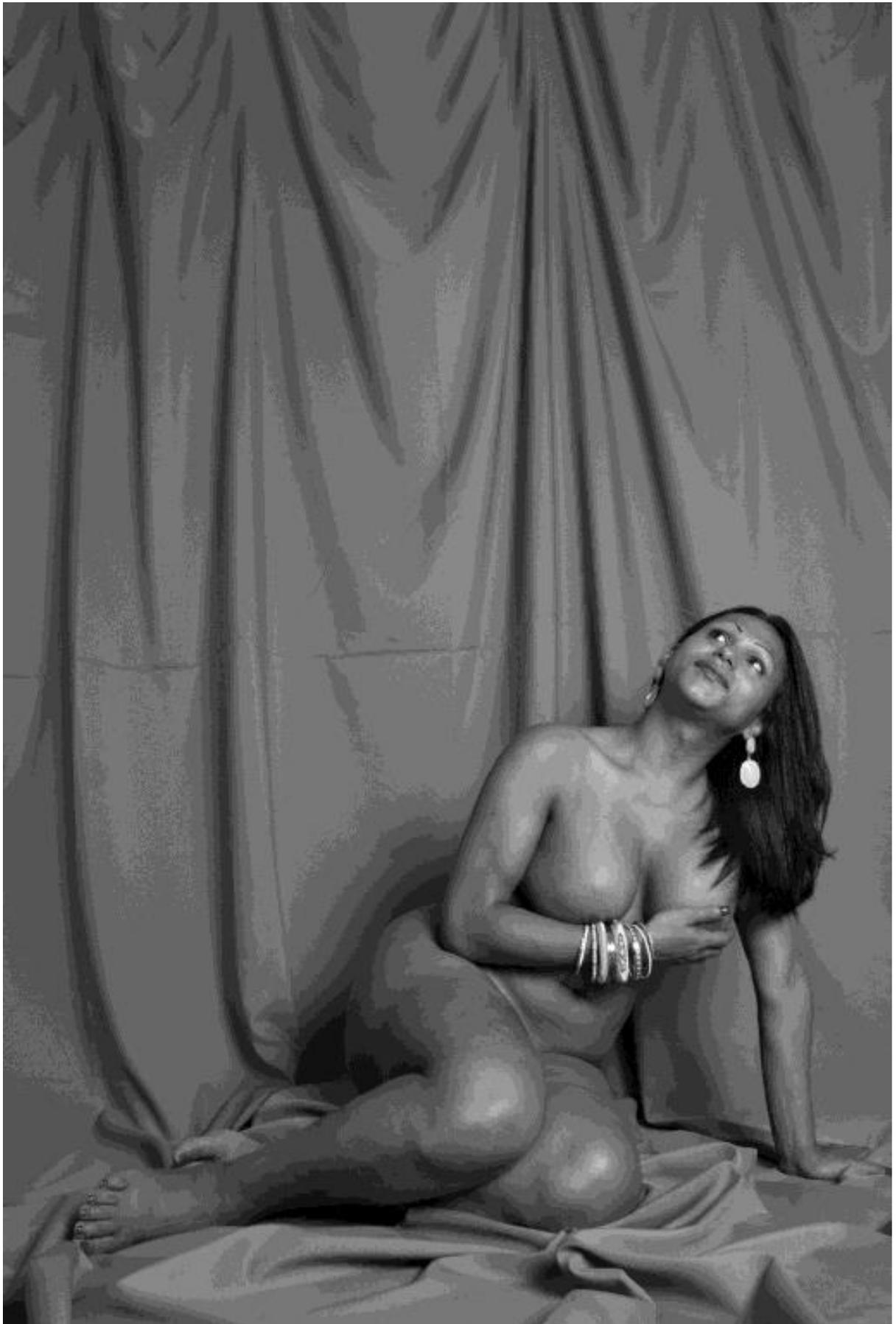
Kelly Alves, 2013



Rebecka Glitter, 2013



Roberta Romana, 2013



Kamilla Gomes, 2013

